



SESSÃO PARALELA 11 | LINHA 4

**AS TRÊS LINHAS PARALELAS DA MARGINAL DE LEÇA DA PALMEIRA
SESSENTA E SETE ANOS DE PLANEAMENTO, RECUPERAÇÃO E RESILIÊNCIA**

Page | 263

Eduardo Fernandes^a

^a Escola de Arquitetura, Artes e Design da Universidade do Minho, Lab2PT – Laboratório de Paisagens, Património e Território, Guimarães, Portugal. E-mail: eduardo@eaad.uminho.pt

RESUMO

O trabalho aqui apresentado analisa as múltiplas intervenções que, ao longo dos últimos sessenta e sete anos, Álvaro Siza Vieira projetou para a marginal de Leça da Palmeira, zona balnear situada a norte do Porto de Leixões (a poucos quilómetros da cidade do Porto). Na introdução, será resumido o historial deste conjunto de projetos, numa abordagem cronológica, procurando apresentar resumidamente as características de cada intervenção. Seguidamente, será analisado com mais pormenor o projeto para a reordenação da avenida da Liberdade, uma vez que se trata de uma intervenção que articula todas as restantes, sintetizando as intenções do arquiteto para o local.

O enquadramento deste texto no âmbito da temática deste PNUM 2023 parece-nos evidente: este é um exemplo claro de resiliência de um arquiteto, patente em várias ações de projeto, planeamento e recuperação.

INTRODUÇÃO

Nascido em Matosinhos, vila piscatória e industrial situada a sul do Porto de Leixões, Álvaro Siza foi construindo uma relação marcante com Leça da Palmeira, do ponto de vista pessoal e profissional, ao longo de toda a sua vida: é aí que se casa (na pequena capela de S. Clemente, situada junto ao Farol) e é para aí que vai desenhar um considerável número de projetos, entre os quais se contam duas das suas obras mais relevantes, a Casa de Chá da Boa Nova e a Piscina das Marés, hoje classificadas como Monumento Nacional.

A primeira versão da Casa de Chá marca o início da intervenção de Siza na orla costeira de Leça da Palmeira; o autor em estudo integrava a equipa composta pelos colaboradores do escritório de Fernando Távora que ganhou o concurso de projetos promovido pela Câmara Municipal de Matosinhos, em 1956. A responsabilidade de elaborar a proposta definitiva foi depois confiada a Siza, que alterou significativamente o desenho inicial; o projeto final foi entregue em 1959 e o edifício foi inaugurado em 1963. A obra responde de forma muito atenta ao local onde foi implantada, dialogando harmoniosamente com os elementos preexistentes: a paisagem, os rochedos da Boa Nova, os vestígios do antigo farol e a capela de S. Clemente (Salgado, 2005, pp. 92-97).

A fase final deste projeto coincidiu com o início do processo de conceção da Piscina das Marés, que também conheceu um desenvolvimento temporal alargado (Vieira, Ferreira e Urbano, 2022): em novembro de 1959 a Câmara Municipal de Matosinhos encomendava à empresa de construção Ribeiro e Silva um estudo para construção de um tanque balnear nos rochedos da praia de Leça da Palmeira. O Eng. Bernardo Ferrão, sócio da empresa, iniciou o projeto mas, dada a delicadeza



do impacto paisagístico, recomendou ao município a contratação de um arquiteto, propondo o nome de Álvaro Siza (que conhecia como ex-colaborador do seu irmão, Fernando Távora).

No projeto desta primeira fase (apresentado em 1960), Siza apresentava um novo desenho para o tanque, suprimindo a parede do lado do mar e usando as rochas preexistentes como limite; esta primeira proposta teve de ser revista, quando se tornou evidente que a piscina precisaria de um edifício de apoio. Consequentemente, em 1961, Bernardo Ferrão e Álvaro Siza foram contratados pela Câmara Municipal para realizar uma nova proposta, que devia incluir balneários, vestiários e um restaurante. O anteprojecto foi apresentado em 1962 e a construção foi iniciada; o projeto só foi entregue em fevereiro de 1965, antecipando em poucos meses a abertura ao público da piscina. A sua memória descritiva formalizava algumas alterações já concretizadas em obra, apresentava algumas especificações técnicas e referia a intenção de construção de um bar, ainda em projeto.

Page | 264

Em setembro de 1965 Siza apresentava um novo anteprojecto, que previa a inclusão no conjunto de um restaurante, no extremo norte. No projeto correspondente, apresentado em fevereiro de 1966, constatava-se que o restaurante proposto não iria ser construído e propõe-se a construção de um bar de apoio; foi a concretização desta proposta que deu ao remate norte a sua configuração atual, com a curvatura no extremo noroeste da cobertura e a parede que protege a esplanada do vento, formando um ângulo de quarenta e cinco graus com o alinhamento dominante.

Finalmente, em abril de 1973, foi entregue um novo anteprojecto, que previa ligeiras alterações à obra: ampliação das instalações sanitárias e aumento da plataforma norte, para além de outras intervenções de carácter técnico. Com esta proposta encerrava-se o processo de construção da Piscina das Marés. Tal como na Casa de Chá, há neste projeto uma forte intenção de relação com a envolvente, que aqui é concretizada de um modo diferente: em vez de um diálogo com a preexistência, Siza concretiza uma fusão entre a sua proposta e os elementos dominantes do sítio; o tanque fica integrado nos rochedos a poente, que ajudam a delimitar o seu perímetro, enquanto o edifício dos balneários se encosta ao paredão da marginal, assumindo a sua predominante longitudinal. Os desdobramentos criados por Siza, através de uma sucessão de paredes de betão paralelas, evocam metaforicamente o muro preexistente, que foi necessariamente interrompido com a construção; mas, para quem percorre a marginal, o elemento que mais se destaca é a rampa que desce na direção da entrada dos balneários, articulando a cota da avenida com o nível da piscina, cerca de dois metros abaixo.

Estas duas obras não serão aqui abordadas com mais detalhe, uma vez que estão já muito estudadas na vasta bibliografia existente dedicada ao trabalho do seu autor; mas a relação de Siza com este território não se esgota nestes trabalhos. É durante o processo de projeto desta piscina que se inicia a abordagem de duas novas intervenções na orla costeira de Leça da Palmeira, a primeira proposta de reordenação da avenida dos Centenários (atual avenida da Liberdade), não realizada (1965-74), e o monumento ao poeta António Nobre (1967-80), concretizado a norte do Farol (Salgado, 2005, pp. 132-133). Esta é uma intervenção muito discreta, passando facilmente despercebida na paisagem; introduz uma nova lógica na área verde aparentemente descuidada que se situa entre a estrada situada na cota superior, a nascente, e o parque de estacionamento da Casa de Chá.



Figura 1: Remate norte da marginal de Leça da Palmeira, com a Casa de Chá e o monumento a António Nobre (fonte: Eduardo Fernandes).

O projeto é constituído por alguns elementos, aparentemente dispersos e desconexos: situadas à cota alta, junto a um maciço rochoso preexistente, situa-se um conjunto escultórico intitulado “António Nobre e as Musas”, da autoria do escultor Barata Feio; é composta por três elementos autónomos, colocados sobre a área ajardinada: uma estátua do poeta, voltada para dois vultos menores, situados a mais de uma dezena de metros de distância. Ainda à cota alta, mas um pouco mais a norte, junto à estrada, localiza-se uma rampa em pedra, associada a umas escadas que podem funcionar como um espaço de paragem, onde o caminhante se pode sentar e contemplar a paisagem; no alinhamento da rampa, inicia-se um caminho em saibro que desce, para poente, e depois inflete, curvando para sul; no momento da inflexão existe uma bifurcação, uma vez que a sua direção inicial é continuada por um caminho estreito, em terra batida, que conduz a uma placa de pedra, de grande formato e corte irregular, que tem gravada a seguinte inscrição: “farto de dores com que o matavam / foi em viagens por esse mundo - a António Nobre, 1980”.

Estes elementos, aparentemente dispersos, estão situados segundo uma geometria precisa, em diálogo com os elementos dominantes da preexistência: o alinhamento das estátuas do poeta e das musas aponta para a referida placa evocativa num alinhamento que se prolonga até à entrada da Casa de Chá; o desenvolvimento longitudinal da rampa não segue a direção perpendicular à estrada onde se inicia (esta torção é enfatizada pela estereotomia das pedras que a conformam), apontando para o muro de suporte do parque de estacionamento, uma linha bem marcada na paisagem; um pouco mais à frente, no mesmo alinhamento, encontramos uma segunda placa, com uma transcrição parcial de um poema de António Nobre, encastrada nos rochedos.

Mas as intervenções de Siza nesta marginal não terminam aqui: em 1989, revisita a Casa de Chá, desenhando um projeto de restauro que não altera o edifício existente. Do mesmo modo, em 1993, realiza um projeto de reabilitação dos balneários da Piscina das Marés que também não modifica nada de relevante. No mesmo ano, realiza o projeto de execução do restaurante anteriormente desenhado que, por razões que desconhecemos, não chegou a ser contruído. Em 1995, desenha as novas instalações da APDL, adaptando uma construção preexistente às novas funções (Salgado, 2005, p. 136-137); esta intervenção remata a avenida da Liberdade a sul, estabelecendo o limite para uma última intervenção marcante neste território: a proposta de reordenação da avenida marginal de Leça da Palmeira (concretizada entre 1998 e 2006), que analisaremos com maior pormenor seguidamente. A Casa de Chá foi ainda objeto de novos trabalhos de restauro e modernização de equipamento, com projeto do mesmo autor, em 2011; do mesmo modo, em 2019, são executadas intervenções de reabilitação das instalações da Piscina das Marés, restaurando os elementos mais degradados e ampliando a plataforma a norte do bar.



No seu conjunto, estas intervenções são tão marcantes neste território, do ponto de vista paisagístico, formal, funcional e tectónico, que é difícil imaginar esta marginal sem a sua presença. Em todos os casos, a relação com o sítio explica muitas das opções de projeto; no entanto, importa ressaltar que as condições do território preexistente foram progressivamente alteradas pelas sucessivas intervenções de Siza; passo a passo, foi sendo construída uma nova circunstância, que, por sua vez, se tornou condicionante das intervenções seguintes.

O PROJETO PARA A AVENIDA DA LIBERDADE

Page | 266

Na conceção de todos estes projetos esteve presente uma ideia basilar que Siza referiu a propósito da Piscina das Marés, mas constitui uma síntese perfeita da leitura que o arquiteto faz deste território: a intenção de procurar relacionar a sua intervenção com as “três linhas paralelas” que dominam o sítio: “o encontro do mar e do céu, o encontro da praia e do mar” e “o longo muro de suporte da marginal” (Siza, 1980, p. 23).

Isto é particularmente evidente no projeto de ordenamento da avenida da Liberdade, desenvolvido por Siza entre 2004 e 2005 (em colaboração como o arquiteto António Madureira), que constitui o elo de ligação entre todas as intervenções de Siza na marginal de Leça da Palmeira, estendendo-se desde a nova sede da APDL até à Casa de Chá. A sua análise merece aqui mais desenvolvimento, uma vez que relaciona todas as intervenções realizadas ao longo de sessenta e sete anos neste território, sintetizando as suas principais preocupações face ao lugar.

Esta intervenção é marcada pela constante presença de um elemento longitudinal com quase dois quilómetros de comprimento, o muro de suporte criado para sustentar o aterro resultante dos movimentos de terras necessários à construção do Porto de Leixões, na segunda metade dos anos 40. Esse muro preexistente dominava o local, e é mantido por Siza, que o desdobra, com um novo alinhamento: foi criado um novo muro de granito, composto por uma sucessão de blocos sempre iguais (com 1 metro de comprimento, 33 centímetros de largura e 43 centímetros de altura) que serve simultaneamente de guarda e de banco para os utentes da marginal.

Quando percorremos esta marginal de norte para sul encontramos uma sessão de espaços diferenciados que se sucedem em continuidade, com ligeiras variações, sem interromper a leitura dominante, que é a de um desenvolvimento longitudinal: para isso contribuem decisivamente estes dois muros, que nos acompanham; junto ao parque de estacionamento da Casa de Chá estão bastante próximos, mas depois afastam-se, progressivamente, até à praia de Leça da Palmeira, onde ambos terminam.

No início o espaço é exclusivamente pedonal e confronta com uma vasta área verde (onde situa o referido monumento António Nobre) que a separa da estrada, que passa a nascente, à cota alta. Junto às escadas que dão acesso ao parque de estacionamento da Casa de Chá, existe uma área pavimentada que se vai depois dividir em duas, devido ao aparecimento de um canteiro ajardinado que se desenvolve ao longo de mais de um quilómetro, sempre com o mesmo alinhamento: do lado poente, junto ao muro de granito desenhado por Siza, segue um caminho mais estreito, com cerca de dois metros de largura, pensado para passeios mais contemplativos; depois surge o canteiro, com uma largura sensivelmente igual à da restante superfície pavimentada, cuja dimensão já permite o passeio de grandes grupos, simultaneamente com a passagem de bicicletas e outros veículos leves. Este sistema continua para sul, de forma contínua, até à Piscina das Marés; o alinhamento do canteiro é apenas interrompido por algumas áreas de descanso situadas no alinhamento dos acessos à praia, conformadas com o mesmo tipo de blocos de granito usados no muro longitudinal. A primeira encontra-se logo ali, na praia da Senhora da Boa Nova, no alinhamento do final do já referido caminho de saibro que se inicia na rampa localizada junto ao monumento a António Nobre. Nos acessos à praia, Siza manteve as estruturas preexistentes, que se desenvolvem para fora do alinhamento do paredão da marginal, e permitem duas alternativas de acesso: rampa para um lado, escadas para o outro.



Avançando para sul, surge à esquerda o muro do recinto onde se situa o farol; quando esta área termina, o sistema pedonal passa a desenvolver-se paralelamente com a estrada marginal; a junção da área pavimentada com o passeio desta via aumenta ligeiramente o seu perfil transversal, mas o alinhamento do canteiro não sofre alterações. Depois, a área pavimentada reduz-se novamente, com a introdução de uma sucessão de lugares de estacionamento. A partir daqui todos estes elementos continuam com o mesmo desenho para sul, durante várias centenas de metros; a zona verde e a área linear de estacionamento vão sendo interrompidos, pontualmente, por um conjunto de articulações transversais, alinhadas com os acessos à praia e com as passadeiras existentes na estrada; estas são construídas em cubo de granito, que interrompe o asfalto da via e obriga os automóveis a abrandar.

Continuando para sul, constatamos que o espaço se modifica, junto à área de área de implantação da Piscina das Marés; o caminho mais estreito que seguia junto ao limite poente inflete para nascente, juntando-se à área pavimentada mais larga e rematando o canteiro num ângulo de 45°; junto ao seu remate existe uma área triangular que se destaca no pavimento, construída em lajes de granito, que assinala o local onde está prevista a construção do já referido projeto não realizado de Siza para um restaurante. Cerca de dois metros abaixo, invisível a partir do passeio, inicia-se a zona pavimentada da piscina.



Figura 2: Avenida da Liberdade em Leça da Palmeira, estado atual; vista do farol, para sul (fonte: Eduardo Fernandes).

A área verde que aqui se inicia divide a largura da marginal em duas partes sensivelmente iguais, criando uma área de proteção à zona balnear, que a distancia da visão de quem passa. O edifício dos balneários da piscina surge do lado poente, no alinhamento dos dois muros já referidos; como está implantado à cota da praia, não interrompe a visibilidade da linha do horizonte.

No início da rampa de acesso aos balneários da piscina o espaço pavimentado alarga novamente, porque o canteiro e o estacionamento deixam de existir; agora, a área verde apenas subsiste do lado poente e separa o alinhamento do paredão preexistente do muro novo, que recomeça no alinhamento do edifício da piscina e continua para sul. Esta zona verde remata pouco depois, na rampa que dá acesso à praia da Meia Laranja; aí, inicia-se um novo canteiro, mais estreito, que se prolonga por mais umas dezenas de metros.

Surge um novo estreitamento do espaço, quase impercetível, porque a faixa de rodagem curva ligeiramente; mas depois a área pavimentada alarga novamente, de forma muito evidente, à medida que nos aproximamos da praia de Leça. Esse alargamento é conseguido com uma suave



curvatura no alinhamento do já referido muro de granito, que inverte para o mar e remata em ângulo reto. Cria-se assim uma grande superfície pavimentada, uma verdadeira praça, que recebe os visitantes, oferecendo um espaço livre onde podem ocorrer diferentes atividades.

Ao longo de todo o percurso, estas transições sucedem-se muito naturalmente, em respostas às condicionantes do sítio, sem por em causa a percepção da continuidade do espaço. Há uma grande simplicidade no desenho, que está também patente nas opções tectónicas, materializadas com recurso a muito poucos elementos construtivos: uma guia de granito separa o asfalto da estrada do pavimento em cubo de granito dos lugares de estacionamento (o mesmo material que encontramos nas passadeiras); uma nova guia de granito separa o estacionamento da área pedonal, cujo pavimento também é asfáltico mas tem uma consistência diferente, libertando areia ao longo do tempo, o que permite que a sua tonalidade se aproxime da cor das praias situadas a poente; este pavimento, por sua vez, está separado por três fiadas de cubos de granito do canteiro, semeado com relva e pontuado com pequenos arbustos; do lado do mar, a separação entre o terreno natural e a área pavimentada faz-se com um perfil metálico, quase invisível, enterrado no pavimento; segue-se o caminho mais estreito, cujo pavimento é igual ao referido anteriormente; a poente, a intervenção remata no já referido muro de granito, a que se segue mais uma área ajardinada, que separa o alinhamento que Siza quis marcar no território do paredão preexistente.



Figura 3: Marginal de Leça da Palmeira numa manhã de domingo (fonte: Eduardo Fernandes).

O desenvolvimento norte-sul dos muros de granito e o alinhamento das áreas verdes faz com que o sentido longitudinal seja dominante e organize o movimento dos caminhantes, paralelamente às já referidas três linhas que estruturam a paisagem. São elas que dominam o espaço; face à sua força, a ação do arquiteto parece desaparecer; pela simplicidade do desenho, podemos falar de uma intervenção quase anónima, onde a assinatura do autor só é pressentida por quem está habituado a reconhecer, no seu trabalho, a singularidade das coisas evidentes.

AGRADECIMENTOS

Esta iniciativa é financiada pelo Lab2PT – Laboratório de Paisagens, Património e Território, referência UIDB/04509/2020, através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Palavras-chave: Álvaro Siza; Leça da Palmeira; relação com o sítio; Casa de Chá; Piscina das Marés.

**REFERÊNCIAS**

Salgado, J. (2005) Álvaro Siza em Matosinhos (CMM / Afrontamento, Matosinhos).

Vieira, Á. S. (1980) “Piscina de Leça da Palmeira”, em Morais, C. C. (ed.), 01 textos: Álvaro Siza (Civilização, Porto) 23-24

Vieira, Á. S., Ferreira, T. C. e Urbano, L. (2022) Nenhum sítio é deserto. Piscina das Marés (Afrontamento / UP, Porto).